



SOBRADO GRANDE DA MADALENA MUSEU DA ABOLIÇÃO

MUSEU DA ABOLIÇÃO

"No trecho litorâneo onde confluem os rios Capibaribe e o Beberibe para juntos desembocarem no Oceano, uma planície de formação flúvio-marinha, se estende em forma grosseiramente semicircular, enquadrada ao Norte, Oeste e Sul pelas colinas oriundas da dissecação da superfície sedimentar referida ao pleoceno, conhecida pelo nome de formação Barreiras. É a planície do Recife".

Assim descreve o geógrafo Mario Lacerda de Melo, a larga área em que se estende a atual cidade do Recife. Na extensa superfície abraçada pela cadeia

das colinas não há senão pequenos desníveis; dois rios, o Capibaribe e o Beberibe cortam a planície.

Nessa ampla área começou o Recife a expandir-se, partindo do ancoradouro, ganhando terras, até o sopé das elevações e até mais adiante. O Recife deixaria de ser, apenas, aquele modesto núcleo de pescadores, com a Ermida de São Telmo e os "armazéns onde se guardavam os açúcares". Açúcar que já chegava dos engenhos que começaram a espalhar-se pela planície e deram nome a várias áreas da região, muitos deles, nomes que hoje nos são familiares, ligados a acidentes geográficos, outros, lembrando o de seus proprietários,

outros, marcando definitivamente o local: Engenho Jangadinha, Penedo de Baixo, Musamluque, Curado do Meio, Engenho Uchoa, Jiquiá, Conceição, Recreio, tantos nomes, tantos foram os engenhos a ocuparem a planície do Recife. Em torno deles, os elementos essenciais, característicos – a Casa Grande, a Senzala, a Fábrica, a Capela. Depois desse núcleo primitivo, começaram os aglomerados, expandindo-se a área de influência com o surgir das habitações, do pequeno comércio, criando-se uma rede de caminhos e estradas interligando os engenhos. Povoava-se a planície.

Dentre os engenhos que deram nome a localidade e a

bairros atuais, como Curado, Uchoa, Engenho do Meio, Ibura e outros, surge um dos mais importantes engenhos do século XVII, o Engenho Madalena, que se situava em aprazível região, à margem do caminho de acesso ao interior.

A esse título de Madalena encontram-se misturados, na história do Recife, vários nomes de destacados personagens daquele século. Jerônimo de Albuquerque, Duarte Coelho e um Pedro Duro, fidalgo da Casa Real, casado com a pernambucana originária de Olinda, Madalena Gonsalves. Pois foi essa Senhora Madalena, que, na área que lhe pareceu indicada para uma fábrica de açúcar,

De 374022
Ex. 1 8950299

levantou um engenho – O Engenho Madalena – vendendo-o, mais tarde, a João Mendonça, “Valeroso Sargento das Ordenanças da Capitania de Pernambuco”. Diz o historiador que “o caminho para o engenho seguia pela estrada real e por uma passagem do Rio Capibaribe, denominada Passagem da Madalena”. Esta passagem constitui o hoje populoso e próspero bairro da Madalena. Um prédio, sóbrio, destacou-se, logo, no novo aglomerado, aquele que reformado e ampliado posteriormente passou a chamar-se o “Sobrado Grande da Madalena”, que era nada mais que a Casa Grande do Engenho Madalena, edifício em que ora se instala o Museu da Abolição.

Já nos fins do século XVIII o Sobrado pertencia ao Doutor João Rodrigues Collaço, Juiz de Fora de Pernambuco, e depois Ouvidor da Paraíba, passando por herança ao seu sobrinho e afilhado, José Marcelino Rodrigues Collaço e, seguidamente aos filhos deste, “um dos quais, se chamava, Felliipe Neri Collaço” e quase alcançou este século.

No Sobrado Grande morou uma importante figura da história pernambucana – o 3º Barão de Goiana, tio e sogro do Conselheiro João Alfredo Correa de Oliveira, Senador do Império e do Conselho de El-Rei, Ministro e Chefe do Gabinete. A João Alfredo – a praça onde se localiza o Sobrado Grande tem o seu nome – coube a honra de assinar, com a Princesa Isabel, o ato que pôs fim à escravidão.

O Sobrado Grande da Madalena foi objeto de reformas no século XIX, quando lhe foi introduzido o revestimento de azulejo.

Sede do Museu da Abolição, tem uma história movimentada, mesmo a dos dias mais recentes. Abandonado, deteriorou-se rapidamente, tornando-se abrigo de desocupados e marginais. A antiga companhia de ônibus Pernambuco Autoviária, quando de sua dissolução, ocupou a larga área onde se localiza o Sobrado Grande, como depósito de sucata de velhos ônibus. Famílias habitaram os ônibus e até nascimentos ocorreram nos veículos abandonados.

Durante a grande guerra o Sobrado foi ocupado por uma unidade do Exército Brasileiro.

Em 22 de dezembro de 1957, foi publicada a Lei 3.357 criando o Museu da Abolição, homenagem do governo e povo aos dois grandes abolicionistas. João Alfredo Correa de Oliveira e Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo.

O Prefeito do Recife, Miguel Arraes, em decreto 9538 de 22 de novembro de 1963, desapropriou o Sobrado, dando margem às obras de restauração que couberam ao então 1º Distrito do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

O Sobrado, de dois pisos, é um edifício típico das grandes casas de engenho brasileiro, modificadas na segunda metade do século XIX para palacetes residências, pela aplicação de azulejos nas fachadas, pela alteração do uso das divisões e ampliação da própria construção; pelo realce das ombreiras e vergas; pela introdução de janelas de guilhotina e portas com bandeiras; pela colocação de sacadas salientes com guarda-corpos de grades artísticas de ferro; pelo enobrecimento da porta principal de cantaria, bem como das janelas e balcões exteriores, com a aplicação de molduras de massa.

Todas as fachadas foram rematadas por platibanda, dividida em painéis azulejados, sobre cornija saliente, tendo nos cantos, como remate vertical dos cunhais, uma figura feita de massa, representando, cada uma, as estações: inverno, primavera, verão e outono.

Atualmente, o Sobrado Grande da Madalena possui átrio espaçoso, pavimentado a mármore, vendo-se dele, através de uma arcada, a escada principal que serve os cômodos do andar superior – alcovas, salas e salões. No piso térreo (antigo armazém de formas de açúcar e cavalariça) foram também colocadas, na altura da reforma, janelas de guilhotina e portas envidraçadas com bandeira.

Pelos motivos expostos, este imóvel, implantado dentro de uma grande cerca arborizada, constitui um dos edifícios mais

belos do século XIX, da cidade do Recife.

Atualmente, encontra-se nele instalado, no 1º piso, a 4ª. Representação Regional da SPHAN/PRÓ-MEMÓRIA e, no 2º piso o Museu da Abolição que ora se inaugura.

O Museu da Abolição, na data de sua inauguração apresenta uma exposição sob o título “A Abolição Vista Através da Documentação Contemporânea”.

Trata-se, na verdade, de uma mensagem histórica a demonstrar o que significou de luta cada passo dado no caminho de uma justiça social, inata ao homem de hoje, porém estranha ao homem antigo, e discutível ao do século XIX, sobretudo nas sociedades latifundiárias.

A exposição ocupa dez salas, assim distribuídas:

Sala 1 – ONEGRONA ECONOMIA DO PAÍS; Sala 2 – ASPECTOS DA VIDA PARTICULAR; Sala 3 – RELACIONAMENTO COM O BRANCO; Sala 4 – PRIMÓRDIOS DA REPRESSÃO DO TRÁFICO; Sala 5 – REPRESSÃO E EXTINÇÃO DO TRÁFICO – PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES ABOLICIONISTAS; Sala 6 – RELIGIOSIDADE DO NEGRO; Sala 7 – PRÉ-ABOLIÇÃO; Sala 8 – ABOLIÇÃO; Sala 9 – PÓS ABOLIÇÃO; Sala 10 – EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA – DURAÇÃO 15 DIAS “A IMPRENSA PERNAMBUCANA NA ABOLIÇÃO”.

O Edifício do Museu da Abolição foi tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, através do Processo nº 780, T, e está inscrito sob o número 389 no Livro de História, página 63, datado de 28 de Novembro de 1966.



Adonaldo